

MARCO ANTÔNIO MACHADO LIMA PEREIRA
EVERTON FERNANDO PIMENTA

Organizadores

DIMENSÕES DO ANTICOMUNISMO NO BRASIL:

NOVOS ESTUDOS E
PERSPECTIVAS DE ANÁLISE





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Reitor

Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

Vice-Reitor



EDITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Profa. Dra. Suênia Oliveira Mendes

Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso

Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni

Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira

Prof. Dr. Márcio José Celéri

Profª. Dra. Diana Rocha da Silva

Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva

Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues

Profª. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro

Profª. Dra. Maria Aurea Lira Feitosa

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire

Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Marco Antônio Machado Lima Pereira e Everton Fernando Pimenta
Organizadores

**DIMENSÕES DO ANTICOMUNISMO NO BRASIL: NOVOS ESTUDOS E
PERSPECTIVAS DE ANÁLISE**

São Luís



Projeto gráfico, diagramação: Roney Correia da Silva
Capa: Izabela Moreira
Revisão: Marco Antônio Machado Lima Pereira e
Everton Fernando Pimenta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dimensões do anticomunismo no Brasil [recurso eletrônico]: novos estudos e perspectivas de análise / Organizadores, Marco Antônio Machado Lima Pereira; Everton Fernando Pimenta. São Luís: EDUFMA, 2024.

403 p.

Vários autores.

Modo de acesso: www.edufma.ufma.br

ISBN: 978-65-5363-351-3

1. Anticomunismo. 2. Comunismo. 3. Brasil. I. Pereira, Marco Antônio Machado Lima. II. Pimenta, Everton Fernando. III. Título.

CDD 329 (81)

CDU 329.15 (81)

Ficha catalográfica elaborada pela Diretoria Integrada de Bibliotecas - DIB/UFMA
Bibliotecária: Francinete Costa Primo CRB 13/787

CRIADO NO BRASIL [2024]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

CAPÍTULO 16

O anticomunismo no apelo antipetista de Jair Bolsonaro (2018-2022)²⁵⁵

Dolores Rocca Rivarola²⁵⁶

São Paulo, julho de 1990. O mundo ainda comemorava a queda do muro de Berlin. A Europa se libertava dum marco do comunismo. Enquanto isso, na América Latina um encontro selava a criação do Foro de São Paulo, um grupo político com viés ideológico comunista, de esquerda, liderado por Lula e Fidel Castro. A semente de um projeto de doutrinação e domínio político foi plantada em nossa pátria. As consequências estão sendo sentidas quase vinte anos depois [Voz-off com uma sucessão de imagens e música tensa. HGPE de Bolsonaro, 12/10/2018, início da campanha para o segundo turno]²⁵⁷.

Era uma vez um governo de esquerda que gostava de dizer que cuidava dos que mais precisavam. Quando eles tinham fome, dava um peixe. Assim, essas pessoas ficavam dependentes desse governo, que podia manipulá-las como queria. Até que veio um governo de direita, que além de dar o peixe, também ensinou as pessoas a pescarem. Assim, se tornaram homens e mulheres livres. [Mulher velha numa sala de estar com fotos de família, com música de contos de fadas ao fundo. Programa eleitoral de Bolsonaro, HGPE, 01/9/2022]²⁵⁸.

²⁵⁵ Um avanço preliminar desta pesquisa foi incluído no livro **El Brasil de Bolsonaro en español**, compilado por Gisela Pereyra Doval, Juan Bautista Lucca, Esteban Iglesias e Cintia Pinillos, e editado em Buenos Aires, Argentina, 2023 (Editorial Prometeo).

²⁵⁶ Doutora em Ciências Sociais e Bacharel em Ciéncia Política pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Pesquisadora Adjunta no Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (CONICET), no Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG-UBA). Membro do Grupo de Estudos de Políticas e Juventude (GEPOJU) no mesmo instituto.

²⁵⁷ Arquivo “029_18-2018-10-12-HGPE-PRES-GOV1-2-89” do acervo fornecido pelo Doxa, Laboratório de Estudos Eleitorais, de Comunicação Política e Opinião Pública (IESP-UERJ). Disponibilizo meu endereço de e-mail para uma possível solicitação de acesso aos arquivos: doloresrocca@gmail.com

²⁵⁸ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykxwAwP-yXQ&ab_channel=Poder360>. Acesso em: 09 mar. 2023.

Introdução

Em 2018, Jair Bolsonaro venceu nas eleições presidenciais após uma campanha caracterizada por apelos e símbolos anticomunistas, uma pauta centrada na insegurança pública e uma crítica à corrupção dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Também, por ameaças à militância petista por parte do candidato mesmo (“vamos fuzilar a *petralhada*”²⁵⁹) e de seus seguidores (cartazes com o slogan “o bom petista é o petista morto” colados em carros de votantes de Bolsonaro), e inclusive alguns episódios de ataques e violência política na rua.

Desde então, a literatura especializada tem tentado compreender o fenômeno de sua ascensão ao poder, a subjetividade de seu núcleo eleitoral, suas medidas governamentais, a evolução do bolsonarismo organizado e seu legado sociopolítico (por exemplo, SALAS OROÑO, 2018; HUNTER; POWER, 2019; AMARAL, 2020; NICOLAU, 2020; CHAGURI, AMARAL, 2023; RODRIGUES; FERREIRA, 2021; ROCHA et al., 2021).

A narrativa daquela campanha bolsonarista combinou com eficácia elementos que poderiam parecer contraditórios. Por um lado, uma espécie de promessa de revolta contra a ordem político-partidária corrupta, canalizando assim o sentimento antipartidário que havia sido alimentado por vários anos (pelo menos desde 2013), e que ficou fragmentado ou atomizado até 2018. Por outro lado, uma proposta de encarnação de valores tradicionais (família heteronormativa, religião, respeito às Forças Armadas, hierarquias sociais) contra a suposta ameaça que o Partido dos Trabalhadores (PT) e a esquerda poderiam ter colocado, ou poderiam eventualmente colocar, contra eles.

Em outras palavras, Bolsonaro combinava um suposto caráter disruptivo com uma pauta conservadora e até reacionária. E ambos os elementos, tanto o questionamento radical do sistema partidário existente e seu funcionamento, como uma cruzada anticomunista explícita, constituíram a morfologia de um antipetismo exasperado (rejeição explícita e ativa ao PT no Brasil). Isto, apesar do fato de que o PT nunca foi um espaço político que condensasse ou representasse a ideologia comunista. E também apesar do fato de que o “perigo” comunista não era uma previsão realista para o século XXI.

²⁵⁹ O neologismo *petralha* foi criado por Reinaldo Azevedo, blogueiro conservador e autor do livro **O país dos petralhas**. O termo combina duas palavras: *petista* (membro do PT) e *metralha*, em referência aos “irmãos Metralha”, o nome que tiveram no Brasil *The Beagle Boys* de Walt Disney. Esta definição da palavra petralha pode consultar-se em Couto (2015).

Este artigo revisita uma interpretação já formulada num trabalho anterior (ROCCA RIVAROLA, 2020) que identifica a campanha de 2018 como o clímax de um “terceiro momento” do itinerário histórico seguido pelo antipetismo. Com base nessa análise, o objetivo é observar o que aconteceu com o caráter desse antipetismo nos anos seguintes, durante o governo Bolsonaro e na campanha para sua reeleição em 2022.

Sinteticamente, o argumento sobre as mutações do antipetismo identifica três momentos, com matrizes e intensidades diferentes. Um primeiro momento, em que o antipetismo foi equivalente a um “medo da esquerda” e foi revestido de apelos anticomunistas em referência à possibilidade de um governo do PT. Um segundo momento em que este pânico foi progressivamente diluído e a clivagem ideológica do antipetismo perdeu força, para ser substituída por outro elemento: a crítica moral à corrupção. E um terceiro momento, que atingiu um clímax na campanha de Bolsonaro em 2018, e que exibiu uma combinação radical de ambas as vertentes anteriores do antipetismo.

O primeiro momento, ilustrado sobretudo pela campanha de Fernando Collor de Mello para o segundo turno em 1989, consistiu em um antipetismo definido pela tentativa de associá-lo ao comunismo. Por exemplo, através do mito de que uma eventual presidência Lula levaria a expropriações ou à socialização de bens e meios de produção. Segundo o próprio Collor e outras vozes nos programas do seu Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE),²⁶⁰ Lula foi caracterizado como “o pai da greve”, o representante do “sindicalismo selvagem” e do “fanatismo”. Recordemos, a este respeito, que o contexto desta campanha foi a queda do Muro de Berlim em 9 de novembro, pouco antes do primeiro turno.

O HGPE de Collor alimentou-se desses eventos, sugerindo equivalências entre o PT e as “ideias atrasadas que foram testadas em grande parte desse século e agora estão sendo repudiadas fortemente por quem experimentou esse tipo de governo”²⁶¹ (referindo-se à crise política na Europa Oriental). O candidato também relatou, em uma entrevista com o jornalista Ferreira Neto, reproduzida em seu programa eleitoral, que num comício os militantes do PT cantavam a “Internacional Socialista, que é o hino do comunismo”²⁶², em vez do hino nacional brasileiro. E um eventual governo Lula foi descrito

²⁶⁰ As vezes esses adjetivos foram colocados na boca dos “populares”, aquela figura ou termo que Albuquerque (1999) utiliza para se referir à reprodução de testemunhos de eleitores ou de supostas pessoas comuns nos programas do HGPE.

²⁶¹ Arquivo “017_89C” do acervo fornecido pelo Doxa.

²⁶² Arquivo “1-1-89dvdiv” do acervo Doxa.

repetidamente com as palavras seguintes: “caos”, “baderna”, “bagunça”, “desorganização”, “autoritarismo”. Assim, o HGPE de Collor trouxe de volta os traços da histórica aversão ao comunismo no Brasil, que Rodrigo Patto Sá Motta (2000) analisou para certos momentos-chave como 1935 e 1964.

Essa campanha de Collor na TV também se valeu da clivagem religiosa, usando símbolos cristãos como a cruz gigante no Monte Pascoal (onde o candidato se apresentou no início da campanha e afirmou suas intenções e valores), envolvendo em seus programas ao Frei Damião, do nordeste do país, e até mesmo com a colaboração de alguns líderes de igrejas evangélicas, que agitaram, fora da televisão, a ideia de que um governo do PT poderia ameaçar a liberdade religiosa e a continuidade de suas congregações (MARIANO; GERARDI, 2019; MARIANO; PIERUCCI, 1992). Naturalmente, quando a penetração do evangelismo na sociedade brasileira ainda era inferior a 10%, o uso desta clivagem não teve o mesmo impacto que em 2018.

O antipetismo teve um segundo momento a partir de 2002, e especialmente durante os governos Lula, onde a clivagem anticomunista perdeu força e foi se diluindo, substituída por outro núcleo de crítica ao PT, centrada na corrupção. De fato, na campanha de 2002 houve uma tentativa de reacender o pânico anticomunista, com um exemplo paradigmático no vídeo da atriz Regina Duarte dizendo "estou com medo" de Lula e "faz tempo que não tinha esse sentimento". Mas essa estratégia mostrou-se ineficaz. O fato é que o PT não só havia empreendido uma revisão programática e moderação desde meados da década de 1990. Também tinha uma política de alianças amplíssima em 2002, lançou a Carta ao Povo Brasileiro em junho daquele ano (estabelecendo um compromisso de continuidade em termos de política financeira, por exemplo). E inclusive houve um esforço sistemático da coordenação da campanha de Lula para dissociar o candidato de certos gestos e tradições de esquerda, ou mesmo de sua própria trajetória como sindicalista.²⁶³

Enquanto isso, a crítica moral contra a corrupção e o patrimonialismo, ganhou força como matriz do antipetismo, e ainda mais desde 2005, com o escândalo do Mensalão e da Caixa Dois. Vale a pena mencionar alguns fenômenos que complementam esta forma de compreender essa transformação do antipetismo: a diminuição da identificação ideológica na votação entre 2002 e 2006 (CARREIRÃO, 2007), mas

²⁶³ Neste sentido, a frase “O sindicalista espanta”, de Duda Mendonça, publicitário responsável pela campanha do PT em 2002, no documentário **Entreatos** (2004) em uma conversa com Lula sobre o que dizer e como agir nos debates presidenciais, resumiu aquele objetivo.

também a mudança do enquadramento editorial dominante de alguns grandes jornais na hora de caracterizar o PT, que passou de descrevê-lo como "radical" ou "populista" para descrevê-lo do ponto de vista moral, como um partido corrupto dedicado ao *aparelhamento do Estado* (AZEVEDO, 2018).

Embora seja possível encontrar elementos incipientes dum terceiro momento de antipetismo já em 2010, há dois eventos ou episódios que poderíamos pensar como dobradiças. Um é quando as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte, que começaram em junho de 2013, se tornaram mais massivas, os slogans iniciais desses protestos se diversificaram, e o antipetismo mobilizado começou a tomar forma, para se cristalizar de forma mais definida depois, nas mobilizações de 2015-2016 contra o governo de Dilma Rousseff. O outro evento foi a campanha eleitoral de 2014. Num clima influído pelo avanço simultâneo do processo judicial contra algumas lideranças do PT e de outros partidos, traços de anticomunismo começaram a reaparecer nos apelos antipetistas. Mas isso era infundido menos pelas coordenações de campanha ou as lideranças políticas do que pelo ativismo de base da internet (BRUGNAGO; CHAIA, 2015). Nas mobilizações de 2015 – 2016, por outro lado, algumas palavras de ordem ou slogans apelaram para uma intervenção das Forças Armadas, assim como contra a pedagogia de Paulo Freire e uma suposta doutrinação marxista nas escolas. O uso da camisa da seleção brasileira e as cores da bandeira eram apresentados nos protestos como antagônicos ao PT, algo que já havia sido usado por Collor de Mello em 1989, quando ele reivindicou as cores brasileiras em oposição ao "vermelho" do PT. Tudo isso seria um núcleo discursivo na campanha de Bolsonaro em 2018, por exemplo, com o jingle que dizia “azul, branca, amarela e verde é nossa bandeira. Com fé na força do povo, ela jamais será vermelha”.²⁶⁴

Assim, o terceiro momento de antipetismo, onde este aparecia recrudescido e radicalizado, envolveu uma combinação das duas matrizes ou elementos que tinham definido, respectivamente, o primeiro e o segundo momento. Embora esse terceiro momento já tivesse começado a se delinear em 2013, foi Bolsonaro quem conseguiu reunir os surtos emergentes e ainda fragmentados da onda de indignação anticorrupção e da cadeia de elos “Mensalão –Lava Jato – processo judicial contra Lula – crise política do sistema”. Ele fundiu essa onda com aquele antipetismo de natureza anticomunista, que

²⁶⁴ No seu HGPE para o segundo turno em 1989, Collor de Mello dizia “Nós não queremos em momento nenhum modificar as cores da bandeira brasileira, as cores da nossa bandeira” (Arquivo 1-1-89dvdv do Acervo DOXA).

tinha perdido credibilidade desde a eleição de 2002, e que ele mesmo vinha reativando de forma minoritária há vários anos. E tudo isso, em um contexto em que a mobilização da agenda de diretrizes conservadoras em torno da família, educação e saúde reprodutiva permitiu reunir a uma parte significativa das igrejas evangélicas, cuja intervenção e articulação política atingiu níveis sem precedentes na época (MARIANO; GERARDI, 2019; LACERDA, 2017).

O bolsonarismo como clímax do terceiro momento antipetista

Em 1991, James Davison Hunter escreveu **Culture Wars: The Struggle to Define America. Making sense of the battles over the family, art, education, law and politics**, um livro que colocou a noção de “guerras culturais” como questão relevante no debate público nos Estados Unidos. Hunter se referia às batalhas políticas naquele país entre progressistas e ortodoxos, em torno de questões como o aborto e os direitos reprodutivos, a sexualidade, os valores familiares, a relação entre igreja e Estado, e entre escola e religião. Décadas depois, em 2018, o cenário político-eleitoral no Brasil parecia permeado por estes mesmos antagonismos, pelo menos no conteúdo dos apelos bolsonaristas. Em suas mensagens de campanha no HGPE, mas muito mais notoriamente na circulação de uma espécie de campanha de esgoto, nas redes sociais, nos *bots* e nos grupos de *whatsapp* que se formaram durante o processo eleitoral, Bolsonaro mobilizou essas “guerras culturais” e se tornou um expoente central delas.

Se considerarmos os três pilares do anticomunismo no Brasil, que Motta (2000) destaca para as décadas de 1930 e 1960 – anticomunismo religioso, liberal e nacionalista – podemos inscrever estas guerras culturais na agenda anticomunista religiosa, que postulava o comunismo como uma força maligna que ameaçava a família, os valores tradicionais e a desejável ordem moral, social e religiosa. Mesmo a agenda de diretrizes conservadoras, restritivas dos direitos da mulher e da comunidade LGBTI+ que Bolsonaro promoveu em 2018, restaurava e atualizava várias das palavras de ordem das “Marchas da Família com Deus pela Liberdade” dos anos 60, que identificavam os “perigos” no divórcio, o sexo extraconjugal e a homossexualidade. Com a diferença de que essas passeatas eram lideradas pela Igreja Católica e não pelos evangélicos.

O anticomunismo de Bolsonaro em 2018 não se limitou a defender a família, mas foi ainda mais politicamente explícito quando se referiu ao PT e sua trajetória. Por

exemplo, o segmento de campanha citado no início deste artigo, onde uma voz-off, acompanhada de imagens e música tensa, dizia:

São Paulo, julho de 1990. O mundo ainda comemorava a queda do muro de Berlim. A Europa se libertava dum marco do comunismo. Enquanto isso, na América Latina um encontro selava a criação do Foro de São Paulo, um grupo político com viés ideológico comunista, de esquerda, liderado por Lula e Fidel Castro. A semente de um projeto de doutrinação e domínio político foi plantada em nossa pátria. As consequências estão sendo sentidas quase vinte anos depois [HGPE de Bolsonaro, 12/10/2018].

O programa logo comparava o Brasil com Cuba e Venezuela e dizia “estamos à beira do abismo” e “em sua maior crise ética, moral e financeira da história”. Depois acrescentava: “O vermelho jamais foi a cor da esperança. O vermelho é um sinal de alerta para o que não queremos para este país”. E na imagem do fundo, um líquido vermelho (semelhante ao sangue) ia cobrindo a tela. A campanha de 2018, tanto nos programas eleitorais do HGPE como nos apelos do bolsonarismo e de seus seguidores nas redes sociais (isto é, a campanha não oficial, ou paralela), incluiu numerosos exemplos disso. Como um *meme* que circulava no Facebook, onde uma imagem do candidato carregava uma espingarda com a qual atirava num desenho da foice e o martelo comunistas, colado numa porta. Outros estudos também identificaram um retorno do imaginário anticomunista ao confronto político brasileiro em 2018 (SOUSA JR., 2019; MOTTA, 2019).

Ora, a obsessão anticomunista de Bolsonaro pode ser pensada como uma *mise-en-scène*. Ou, nos termos de Lincoln Secco (2021), como um *blef* [*bluff*] permanente. Não uma reação a uma ameaça efetiva de revolução, mas a governos moderadamente reformistas. Em primeiro lugar, a trajetória do PT no Brasil não é a mesma do comunismo partidário; o Petismo nunca foi um espaço político que condensasse ou representasse essa ideologia, embora tenha tido o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) como um aliado em suas frentes eleitorais desde 1989. O comunismo teve seus próprios expoentes partidários no Brasil, com tradições e apelos diferentes dos do PT. No entanto, também é verdade que o antipetismo e o anticomunismo por vezes percorreram caminhos entrelaçados. Em segundo lugar, se em 1989, quando Collor de Mello mobilizou o sentimento anticomunista, os regimes socialistas da Europa Oriental estavam colapsando, já no século XXI, sem o correlato da União Soviética e seu bloco, sem a Guerra Fria, e sem as

organizações armadas dos anos 70, o antipetismo bolsonarista enfrenta um fantasma que não é tal.

A dupla matriz antipetista durante o governo Bolsonaro (2019 – 2022)

Em seus dois discursos na cerimônia de posse presidencial, Bolsonaro afirmou que “o povo começou a se libertar do socialismo”²⁶⁵, e que “esta é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Ela só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela”²⁶⁶. Suas palavras não só evidenciavam o caráter de posta em cena já mencionado, mas também anunciam que sua obsessão anticomunista transcenderia o momento de sua campanha e permaneceria em vigor durante seu governo.

E de fato, a matriz anticomunista do antipetismo continuou a ser mobilizada de modo discursivo e simbólico, tanto nos apelos do próprio Bolsonaro como nas declarações de seu gabinete de ministros. Podemos nos perguntar se como uma forma de mobilizar seu núcleo eleitoral mais duro, ou talvez simplesmente por convicção.

A repetida vindicação do golpe de 1964 contra João Goulart, por exemplo, se estrutura, no bolsonarismo a partir de um anticomunismo explícito, em cuja lógica o golpe teria salvo o Brasil do “totalitarismo marxista”. E que nos lembra do que Motta (2000) identificou como uma das vertentes do anticomunismo histórico no Brasil para as décadas de 1930 e 1960: o anticomunismo nacionalista, com especial gravitação no seio das Forças Armadas Brasileiras.

E não só Bolsonaro vinha insistindo, há vários anos, nessa defesa do golpe militar, mas seu governo manteve essa linha. Assim, em 30 de março de 2021, o General Braga Netto, Ministro da Defesa, publicou a “Ordem do dia alusiva ao 31 de março de 1964” exaltando o golpe militar e afirmando que, no marco da guerra fria, “havia ameaça real à paz e à democracia” e que “os brasileiros perceberam a emergência e se movimentaram nas ruas”, com apoio de setores da imprensa, igrejas, empresários e das Forças Armadas, “interrompendo a escalada conflitiva, resultando no chamado movimento de 31 de março de 1964”.²⁶⁷

²⁶⁵ “O povo começou a se libertar do socialismo”. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2019/01/01/interna_politica,728320/u201co-povo-comecou-a-se-libertar-do-socialismo-u201d-afirma-jair-bo.shtml>. Acesso em: 09 mar. 2023.

²⁶⁶ Citado em Secco (2021). E também se pode consultar a respeito em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/bolsonaro-bandeira-so-sera-vermelha-se-for-preciso-nosso-sangue.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2023.

²⁶⁷ Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/ordem-do-dia-alusiva-ao-31-de-marco-de-1964-2021>>. Acesso 28 mar. 2023.

Antes, em 2019, Vélez Rodríguez, então ministro da Educação, caracterizou o golpe como uma decisão soberana da sociedade e chamou a ditadura implantada pelo golpe como "regime democrático de força".²⁶⁸

O anticomunismo, além disso, também foi expresso nas "reflexões" de outros ministros. Abraham Weintraub, que dirigia o ministério de Educação, por exemplo, disse "os comunistas são o topo do país. Eles são topo das organizações financeiras. Eles são os donos dos jornais. Eles são os donos das grandes empresas. Eles são os donos dos monopólios".²⁶⁹

O Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, por sua parte, alertou sobre o "marxismo cultural" que estava impulsionando a globalização, e caracterizou a COVID-19 como uma tentativa de construir o comunismo global. Outro exemplo, pode se observar nas numerosas declarações de Damares Alves e até mesmo nas políticas públicas do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que ela conduzia. Essas iniciativas parecem retomar e atualizar as preocupações do anticomunismo religioso – outra das vertentes do anticomunismo que Motta analisou para os anos 60 –, promovendo, por exemplo, a "reflexão" e a abstinência sexual para prevenir a gravidez na adolescência (campanha pública "Tudo tem seu tempo: adolescência primeiro, gravidez depois", em 2020)²⁷⁰.

Por outro lado, a outra matriz antipetista, ligada ao discurso anticorrupção, parecia mais difícil de sustentar com um grau mínimo de verossimilhança a partir de dois processos acontecidos durante o governo Bolsonaro.

Em primeiro lugar, o acúmulo de escândalos de corrupção no seio do próprio governo. Apenas a título de exemplo, as alegações de preços excessivos e propinas em torno da compra de vacinas contra a COVID, Covaxim e AstraZeneca; as ações de pastores no Ministério da Educação (sem cargo público nele) que beneficiaram com recursos a prefeitos associados à sua própria igreja; a compra do Viagra pelas Forças

²⁶⁸ Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/04/03/velez-quer-alterar-livros-didaticos-para-resgatar-visao-sobre-golpe.ghtml>>. Acesso em: 07 out. 2022. Esses exemplos de justificação oficial do golpe de 1964 pelo governo Bolsonaro foram recuperados dum trabalho em coautoria com Oswaldo Amaral (AMARAL; ROCCA RIVAROLA, 2023), que argumenta uma ligação entre, por um lado, as formas de processar a memória dos crimes da ditadura no Brasil e na Argentina, e, por outro, os níveis de apoio social à democracia nas décadas seguintes.

²⁶⁹ A íntegra da palestra onde Weintraub disse essas palavras (no evento "Cúpula Conservadora das Américas") pode ser conferida nesse vídeo (a partir do minuto 1:19:13). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHbb9tRC6Xc&t=4748s&ab_channel=InstitutoFilipeCamar%C3%A3o>.

²⁷⁰ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/02/04/tudo-tem-seu-tempo-a-campanha-de-damares-contra-gravidez-precoce.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

Armadas; os cheques de R\$ 89.000 de Fabrício de Queiroz, conselheiro de Flávio (filho do presidente), para Michelle (esposa de Bolsonaro); a investigação sobre um possível esquema de lavagem de dinheiro público no gabinete de Carlos Bolsonaro, outro de seus filhos, por uma empresa da ex-mulher do presidente; e até os acordos em empresas de medicina privada para experimentar com o chamado "Kit Covid", composto de medicamentos que a Organização Mundial da Saúde (OMS) havia recomendado não utilizar, como a Hidroxicloroquina, Ivermectina, Azitromicina, etc. E tantos outros exemplos.

Em segundo lugar, a anulação das condenações de Lula, incluindo aquela do processo do “tríplex de Guarujá”, parecia desarmar a narrativa bolsonarista sobre Lula como “o político mais corrupto da história”, como o descreveu, por exemplo, o Pastor Marcus Vinícius em setembro de 2021.

Mesmo assim, e mais quando a campanha de 2022 começou a se desenvolver, Bolsonaro continuou se valendo dessa matriz anticorrupção do antipetismo para se apresentar e para se diferenciar do PT e de Lula. Em seu discurso na ONU em 2022, já no meio da campanha, ele afirmou que “no meu governo extirpamos a corrupção sistêmica que existia no país”, e se referiu com essa qualificação ao período 2003 – 2015 “onde a esquerda presidiu o país”.²⁷¹

A campanha para o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022

A campanha de Bolsonaro para tentar se reeleger em 2022 (primeiro turno), tanto nos programas do HGPE como em suas intervenções públicas na televisão e na cobertura de comícios de campanha, foi o cenário de uma reedição da dupla matriz antipetista, através de um discurso mais uma vez revestido de anticomunismo e de tentativas de diferenciação com base na questão da corrupção.

Por um lado, durante a campanha houve alguns tópicos comuns que Bolsonaro reiterou repetidamente: a defesa da família tradicional; a promessa de que ele (ao contrário, supostamente, de Lula) não legalizaria as drogas nem o aborto; e o repúdio ao

²⁷¹ Íntegra do discurso disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=discurso+bolsonaro+onu&meta=#fpstate=ive&vld=cid:a14e10af,vid:NdIKbN95e2A>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

que ele chamava de “ideologia de gênero”²⁷². Como já vimos, esses elementos podem ser enquadrados em uma agenda mobilizada pelo anticomunismo na sua vertente religiosa.

Mas, além disso, o anticomunismo torna-se mais explícito politicamente, por exemplo, em alguns fragmentos dos discursos que Bolsonaro fez no 7 de setembro, na comemoração do Dia da Independência. Nessa ocasião, Bolsonaro transformou um ato oficial como Chefe de Estado (com desfiles militares, em frente ao Palácio da Alvorada) num verdadeiro comício de campanha, e, horas depois, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro, também se dirigiu aos seus seguidores. No Rio, Bolsonaro disse “O nosso governo respeita a propriedade privada. O nosso governo botou um fim nas invasões do MST [Movimento Sem Terra, aliado histórico do PT]. Vocês não ouvem mais falar de invasão do MST pelo Brasil”²⁷³. Mais uma vez, o adversário é postulado como uma ameaça, em uma alusão que nos remete àquele primeiro momento de antipetismo já analisado, em que a narrativa intensamente anticomunista de Collor de Mello na campanha para o segundo turno em 1989 tentava associar a militância juvenil do PT com a violência, o fanatismo e o atraso do comunismo do Leste Europeu.

Nos comícios de Bolsonaro no 7 de setembro também emergiu subtilmente a defesa do golpe e da ditadura, que Bolsonaro vinha fazendo há vários anos, mesmo antes de ser considerado um candidato viável para a presidência:

Queria dizer que o Brasil já passou por momentos difíceis, mas por momentos bons, 22 [revolta tenentista], 35 [intentona comunista], 64 [golpe militar], 16 [impeachment de Dilma Rousseff], 18 [eleição presidencial que Bolsonaro ganhou] e agora, 22. A história pode repetir, o bem sempre venceu o mal. Estamos aqui porque acreditamos em nosso povo e nosso povo acredita em Deus.²⁷⁴

²⁷² O conceito de “ideologia de gênero” foi cunhado e utilizado por líderes religiosos e políticos conservadores para evocar uma suposta conspiração global para destruir a ordem política e social. Na prática, o uso pejorativo do termo é geralmente acompanhado de uma oposição aos avanços nos direitos reprodutivos das mulheres, ao reconhecimento do gênero no direito internacional e à proteção e o reconhecimento dos direitos das diversidades sexuais. Esta definição do conceito foi recuperada do Relatório do Especialista Independente em Proteção contra a Violência e Discriminação por Motivos de Orientação Sexual ou Identidade de Gênero da ONU, Victor Madrigal Borloz. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N21/192/17/PDF/N2119217.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 10 out. 2022.

²⁷³ Íntegra do discurso disponível, em vídeo, aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=viz-znH_rRA&ab_channel=UOL>. Acesso em: 09 mar. 2023.

²⁷⁴ Palavras de Bolsonaro no café da manhã no Palácio da Alvorada, antes do ato no exterior. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/09/07/desfile-7-de-setembro-bolsonaro-brasilia.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2023.

Bolsonaro inscreveu assim esse marco fatídico da história brasileira em uma espécie de luta do bem contra o mal, encarnado pela esquerda. Este tipo de jogo esportivo ou de luta épica que seria disputada, em momentos diferentes da história, entre a direita e a esquerda tem sido repetido insistente nos apelos públicos de Bolsonaro ao longo dos anos. Assim, em 2016, em seu discurso justificando o voto para a continuidade do processo de impeachment contra Dilma Rousseff, Bolsonaro disse: “*Perderam em 64, perderam agora em 2016*”²⁷⁵. Dois anos depois, na campanha de 2018, em um vídeo gravado e transmitido durante um comício de apoio à sua candidatura na Avenida Paulista, ele voltou sobre essa mesma ideia: “Perderam ontem [no passado, em 1964 talvez], perderam em 2016 [impeachment] e vão perder na semana que vem de novo. Só que a faxina agora será muito mais ampla. [...] Ou vão para fora, ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”.²⁷⁶ De forma semelhante, em 2022, no comício do 7 de setembro (Dia da Independência) em Copacabana, Bolsonaro descreveu “esquerdistas” como “cabeças vazias”, acrescentando que “esse tipo de gente tem que ser extirpado da vida pública”. Esses apelos mais fascistas, com os quais ele parecia falar muito mais ao seu núcleo duro do que a um eleitorado potencial ou ainda adverso, não pareciam derivar dum *coaching de marketing* eleitoral, mas de uma obsessão pessoal contra a esquerda que persistia mesmo após quatro anos como presidente.

Naquela luta épica entre o bem e o mal imaginada por Bolsonaro, 2022 é mais um cenário onde o bem, definido como a crença em Deus e encarnado por um candidato explicitamente de direita, deve derrotar o mal, o PT e a esquerda brasileira, em geral.

E nesse sentido, Bolsonaro manteve em 2022 a ênfase na autodefinição como um candidato “de direita”, que ele mostrou já em 2018, e que, como Inés Pousadela (2007) e também Ronaldo de Almeida (2019) argumentam, não era uma autorreferência comum na política brasileira desde a redemocratização. Um exemplo é o segmento de seu HGPE de 2022 citado no início deste capítulo, onde, como se estivesse contando um conto de fadas, uma senhora idosa de voz suave diz que, após anos de manipulação dos pobres por “um governo de esquerda”, foi “um governo de direita” que veio para ensinar as pessoas a pescar e, assim, “eles se tornaram homens e mulheres livres”.

²⁷⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o&ab_channel=Poder360>. Acesso em: 09 mar. 2023.

²⁷⁶ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AkDNfmi7zs&ab_channel=UOL>. Acesso em: 09 mar. 2023.

Ora, ao lado deste eixo ou ênfase anticomunista, Bolsonaro continuou utilizando, na campanha de 2022, uma retórica de cruzada contra o sistema político corrupto. Isto parece paradoxal se considerarmos que: a) ele vinha ocupando a mais alta posição formal de poder político no Brasil, b) ele havia procurado e conseguido negociar o apoio, no Congresso, do sempre oportunista “centrão” (um expoente paradigmático do status quo no Poder Legislativo brasileiro), e c) seu próprio governo, e mesmo seu ambiente pessoal e familiar, acumulavam inúmeros escândalos de corrupção (este capítulo apenas mencionou alguns).

Bolsonaro continuou, em sua campanha para a reeleição, a se apresentar como um expoente da honestidade e como construtor de um governo de pessoas honestas e formadas (em contraste com Lula, o "quadrilheiro de nove dedos"²⁷⁷). E, isto pode resultar ainda mais surpreendente em 2022 que em 2018, ou após quatro anos de governo próprio, a construção da imagem de Bolsonaro por sua campanha era como alguém que liderava uma "luta contra o sistema". Em seu HGPE, imagens dramáticas ilustrando a insegurança e mostrando pessoas preocupadas e angustiadas, acompanhavam a uma voz-off que dizia:

O sistema. O sistema é um inimigo invisível. O sistema tem braços onde o povo não enxerga. O sistema tira dinheiro de quem é trabalhador. O sistema prejudica a quem quer oferecer emprego. O sistema é feito por políticos corruptos, espertalhões, ladrões, presidiários e assaltantes do dinheiro público [fotos de Lula e outros petistas]. O sistema quer corromper a família [...]. O sistema te fez viver com medo todos os dias. Medo de ser assaltado, medo de não pagar as suas contas no fim do mês [...]. O sistema criou o Petrolão e o Mensalão. O sistema quer tirar sua liberdade de expressão. O sistema conta mentiras todos os dias para te convencer de que o nosso governo não faz nada. O sistema criou a mídia corrupta. O sistema te enganou por muitos anos até que milhares de vozes caladas gritaram "basta" [referência às manifestações desde 2013] e foram para as ruas. Chega. O Brasil não é o país do sistema. O brasileiro é um vencedor e ninguém pode te dizer o contrário. Nós nos dobrarmos a Deus [imagem de Bolsonaro e sua esposa rezando] e nenhum sistema pode contra Ele. Somos uma nação que pela primeira vez governa combatendo a corrupção [...]. Somos a nação que zerou a corrupção nas estatais saqueadas por anos pelos integrantes do sistema [...]. Somos guerreiros, estamos do lado da verdade e nosso futuro será ainda melhor. Temos Deus no coração e aqui o sistema no terá mais vez [...]. ¡Deus, pátria, família e liberdade! (Programa de Bolsonaro no HGPE, 5/9/2022).

Da mesma forma, em 2018, Bolsonaro tinha dito, em um programa do HGPE:

²⁷⁷ A desqualificação dos “nove dedos” é uma zombaria que tem sido comum no antipetismo mais intenso, referida ao acidente de trabalho sofrido por Lula quando ele era operador de torno, em que ele perdeu um dedo na mão.

Como vencer um sistema, uma máquina tão aferrada no terreno? [...]. Sabia que não teria o grande ou médio partido do meu lado, não teria tempo de televisão, não teria fundo partidário, não teria nada. [...]. Eu sou o contrário do que eles são. Eu sou uma ameaça aos corruptos”²⁷⁸.

Para recapitular o que foi dito até aqui, embora o antipetismo ou rejeição ativa do PT tenha sofrido mutações desde 1989, o antipetismo em sua fase bolsonarista manteve uma morfologia semelhante entre 2018 e 2022. A dupla matriz que o compunha, uma combinação de narrativas anticomunista e anticorrupção, persistiu em suas principais características. E isto, apesar das mudanças no contexto político: da incerteza sobre o que Bolsonaro realmente representava como candidato em 2018 ao legado após os quatro anos de governo próprio, com numerosos escândalos de corrupção e uma gestão altamente questionada da pandemia da COVID-19.

Aquela continuidade na dupla matriz do antipetismo não exclui, entretanto, alguma novidade, por exemplo, em termos do slogan da campanha, de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” em 2018 para “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Mas, fundamentalmente, a mudança entre os dois ciclos eleitorais foi a crescente dificuldade em tornar verossímil este tipo de apelo antipetista após um período de exercício do poder e após a reparação pública do Lula que veio com a anulação das suas condenas judiciais.

Mesmo com estas dificuldades, a porcentagem obtida pelo bolsonarismo e grupos semelhantes, tanto no nível legislativo como nos estados, é significativa. Assim foi a recuperação eleitoral do próprio Bolsonaro para o segundo turno (embora insuficiente para reverter o resultado).

Reflexões finais

O bolsonarismo como fenômeno político em 2018 e mais tarde como governo deu origem a diferentes interpretações que procuraram entendê-lo e também inscrevê-lo em um contexto que transcende o cenário propriamente brasileiro. Naturalmente, pode-se argumentar que o debate sobre a catalogação conceitual do bolsonarismo pouco faz para mudar suas repercussões práticas em termos da vida (e morte) da população brasileira ou da evolução da política partidária cotidiana. Porém, assim como em 2016 definir o

²⁷⁸ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DOQW6sUu2CI&t=245s>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

impeachment da Dilma como um golpe ou negar esse caráter não foi indistinto, mas se tornou relevante e significativo, algo semelhante acontece com a tarefa de interpretar o bolsonarismo como movimento político. Embora a caracterização do bolsonarismo como populismo de direita (como Trump e outras figuras), apareça em numerosos estudos dedicados à ascensão de Bolsonaro ao poder, uma categoria tão ampla que inclui fenômenos e lideranças de diversos sinais ideológicos acaba por perder a especificidade.

Revisando as duas matrizes do antipetismo que o bolsonarismo fundiu radicalmente e propôs encarnar, poderíamos, por outro lado, subscrever as obras que o interpretaram com base em seu caráter fascista ou neofascista (BOITO, 2020; SECCO, 2021; FERREIRA, GOMES, 2021). Por diferentes caminhos analíticos, estes estudos concluíram que o bolsonarismo pode ser caracterizado como um movimento político fascista (embora não tenha estabelecido uma ditadura fascista após sua eleição em 2018), reacionário e de massa e com um papel central dos estratos médios da sociedade capitalista. E de fato, na enumeração de elementos típicos do fascismo histórico (especialmente o fascismo italiano) que Fernando Sarti Ferreira e Rosa Rosa Gomes (2021) recuperam de outros autores como Robert Paxton, Umberto Eco e João Bernardo, os pontos de convergência são sugestivos. Mas há um deles que é particularmente interessante se o articulamos com o trajeto que este capítulo tentou apresentar em relação à dupla matriz antipetista do bolsonarismo.

O fascismo, destacam Ferreira e Gomes, aparece como uma revolta contra a ordem existente: veste-se de revolucionário, mas é reacionário em seu conteúdo, pois glorifica as ideias e instituições tradicionais e conservadoras, como a religião, a hierarquia social, o racismo, o exército. No Brasil, uma ilustração é o slogan bolsonarista da campanha de 2022, "Deus, Pátria, Família e Liberdade", que foi ainda mais longe do que o "Deus acima de todos, Brasil acima de tudo" de 2018, evocando o slogan fascista italiano "Deus, pátria e família", que no caso brasileiro havia sido reivindicado na década de 1930 pela Ação Integralista Brasileira (AIB), uma organização abertamente fascista liderada por Plínio Salgado.

Agora, se considerarmos a centralidade contínua das duas matrizes do terceiro momento do antipetismo entre 2018 e 2022 (a matriz ética ou anticorrupção e a matriz ideológica ou anticomunista), podemos sobrepor, como um papel vegetal ou transparente, ambas as matrizes desse antipetismo bolsonarista sobre aquela dualidade que caracterizou o fascismo histórico.

Ou seja, por um lado, em seu destaque do eixo contra a corrupção “sistêmica”, o bolsonarismo se apresenta como uma revolta contra uma ordem corrupta, contra um “sistema” que “é feito por políticos corruptos, ladrões, condenados e ladrões de dinheiro público” (Fragmento do programa de Bolsonaro no HGPE, transmitido em 05/09/22, e já citado neste capítulo).

Por outro lado, em sua mobilização do anticomunismo, o movimento político bolsonarista revela aquele outro eixo do qual o fascismo histórico é composto: o conservadorismo reacionário. Isso, nas formulações más implícitas, por meio das pautas de moral sexual, contra a homossexualidade e os direitos reprodutivos das mulheres, e em torno ao lugar público político e público da religião. Mas também em seus apelos anticomunistas mais explícitos, como em se definir como candidato “de direita”; ou no chamado a proteger as cores da bandeira brasileira contra o vermelho e a “extirpar” os “esquerdistas” da vida pública; ou nas advertências sobre os perigos da esquerda e o “socialismo”, que o golpe de 1964, e Bolsonaro mesmo em 2018, teriam evitado (libertando o Brasil dessas ameaças).

Em entrevista ao Jornal *O Globo*, dias após o primeiro turno eleitoral, Esther Solano, da Universidade Federal de São Paulo, afirmou que o foco de interpretação não deveria mais ser Bolsonaro como figura, mas o bolsonarismo como campo sociopolítico mobilizador e já capilarizado. Nos termos de Solano, “muitos pensaram que Bolsonaro era efeito de uma conjuntura de 2018, que reuniu desinformação, facada e antipetismo. Isso ajudou, mas há outros fatores no bolsonarismo que o aproximam da população”.²⁷⁹ E para 2022 ele já era muito mais do que isso.

Esta capilarização ficou evidente na votação para os governos estaduais e nas eleições para a Câmara e o Senado, com a formação de uma bancada sólida para 2023 e a entrada de algumas figuras emblemáticas dos ministérios e do governo Bolsonaro, como Damares Alves, Ricardo Salles, Tereza Cristina, Eduardo Pazuello e o vice-presidente Hamilton Mourão.

O bolsonarismo instituiu um legado na cultura política brasileira que permanecerá por um longo tempo. Um de seus ingredientes é uma re-hierarquização e uma profunda penetração das forças armadas na esfera política e dentro do próprio Estado. Isto pode ser

²⁷⁹ “O bolsonarismo se capilarizou e veio para ficar”. Entrevista de Bernardo Mello a Esther Solano, *O Globo*, 04/10/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/entrevista-o-bolsonarismo-se-capilarizou-e-veio-para-ficar-diz-a-sociologa-esther-solano.ghml>>. Acesso em: 09 mar. 2023.

pensado, como faz Amílcar Salas Oroño (2018), como retrocesso na socialização democrática: o retorno da figura dos militares ao primeiro plano da cena política, após anos de gerações de jovens que construíram as suas referências políticas sem a tutela simbólica e prática dos militares sobre o sistema político.

Outro elemento é o agudo avanço dos critérios religiosos na hora de pensar os assuntos públicos. Isto não foi uma novidade do bolsonarismo: as referências religiosas podem ser rastreadas até as primeiras eleições diretas após a recuperação democrática, em 1989; e a bancada informal “da Bíblia” vinha mostrando uma coordenação interna invejável, pelo menos desde 2012/2013. Mas o governo Bolsonaro aprofundou a níveis escandalosos para um Estado laico a legitimação da penetração da religião no debate público, na orientação do governo e nas políticas públicas. Como vimos neste capítulo, alguns exemplos categóricos podem ser encontrados no discurso de Bolsonaro. Outros, nas medidas e políticas dos ministérios, como a mencionada campanha de prevenção da gravidez na adolescência só promovendo a “reflexão” e abstinência sexual, em 2020 por parte do Ministério de Saúde; ou o escândalo, também mencionado, em 2022, dos dois pastores que, sem um cargo público no Ministério de Educação, se dedicaram a utilizá-lo para favorecer com recursos a prefeitos ligados à Igreja Assembleia de Deus.

E finalmente, embora possamos enumerar outros, um terceiro elemento que nos deixa a ascensão do Bolsonaro ao governo – e sua atuação em duas campanhas presidenciais – é uma certa legitimação e até promoção da intolerância e da violência política. Em seu livro *Vida y Muerte en el Tercer Reich* [Vida e Morte no Terceiro Reich], Peter Fritzsche (2009) descreve como a política racial implementada pelo regime nazista a partir de 1933 significou que "alemães comuns" (aqueles que o nazismo considerava "arianos" ou fora de qualquer categoria social perseguida pelo nazismo) acabaram vendo o mundo e pensando a política através de critérios raciais, e começaram a considerar a milhares de outros alemães como geneticamente inaptos e, assim, excluídos da "comunidade do povo". A raça tornou-se assim um critério determinante na vida cotidiana da Alemanha daqueles anos. O Brasil de Bolsonaro não é a Alemanha nazista, é claro. Mas a progressiva legitimação – e sem custo político – de práticas e apelos públicos carregados de brutalidade, desumanidade e intimidação, como a justificação da tortura e da ditadura, a misoginia, a negação do racismo estrutural, a proteção das milícias e a promoção do uso de armas, até a imitação pelo presidente com falta de ar durante a crise global de saúde da COVID-19 (e que, no caso brasileiro teve implicações horrorosas devido à escassez de oxigênio para prover àqueles que desenvolveram dificuldades

respiratórias devido ao vírus), tem e terá um profundo impacto na cultura política, nas formas de relacionamento entre os partidos e também entre a própria população, que foi se socializando nesse clima e nessa linguagem política.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Alfonso. “**Aqui você vê a verdade na tevê**”: A propaganda política na televisão. Niterói: MCII, 1999.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.

AMARAL, Oswaldo Martins Estanislau do. The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018. **Brazilian Political Science Review**, v. 14, n. 1, p. 3-13, 2020.

AMARAL, Oswaldo Martins Estanislau do; ROCCA RIVAROLA, Dolores. Remembering and Repairing the Authoritarian Past: Contrasting Policies and Enduring Outcomes for Democracy in Argentina and Brazil. Paper presented in **LASA2023 Hybrid Congress: América Latina y el Caribe: Pensar, Representar y Luchar por los Derechos, May 2023**.

AZEVEDO, Fernando Antônio. PT, eleições e editoriais da grande imprensa. **Opinião Pública**, vol. 24, n. 2, maio-agosto, p. 270-290, 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. **O país dos petralhas**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOITO JR., Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica Marxista**, v. 50, p. 111-119, 2020.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 21, outubro-janeiro, p. 99-129, 2015.

CARREIRÃO, Yan de Souza. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. **Opinião Pública**, v. 13, n. 2, p. 307-339, 2007.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro; AMARAL, Oswaldo Estanislau do. The social bases of Bolsonarism: an analysis of authoritarianism as politics. **Latin American Perspectives**, 2023 (forthcoming).

COUTO, Cláudio Gonçalves. Cambios y continuidades en la política brasileña reciente. In: TAGLE, Silvia Gómez (Ed.). **Alternativas para la democracia en América Latina**. México: Colégio de México/ Instituto Nacional Electoral, 2015, p. 291-335.

FERREIRA, Fernando Sarti; GOMES, Rosa Rosa. Teorias do fascismo. In: RODRIGUES, Julian; FERREIRA, Fernando Sarti (Orgs.). **Fascismo ontem e hoje**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Maria Antonia, 2021, p. 123-132.

FRITZSCHE, Peter. **Vida y muerte en el Tercer Reich**. Barcelona: Crítica, 2009.

HUNTER, James Davison. **Culture Wars: The Struggle to Define America. Making sense of the battles over the family, art, education, law and politics**. New York: Basic Books, 1991.

HUNTER, Wendy; POWER, Timothy. Bolsonaro and Brazil's Illiberal Backlash. **Journal of Democracy**, v. 30, n. 1, p. 68-82, 2019.

LACERDA, Fábio. **Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, v. 120, jan-fev-mar, p. 61-76, 2019.

MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, Antônio Flávio. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. **Novos Estudos**, v. 34, p. 92-106, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese (Doutorado em História Económica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane (Orgs.). *Pensar as direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda Editorial, 2019.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

PEREYRA DOVAL, Gisela; LUCCA, Juan Bautista; IGLESIAS, Esteban; PINILLOS, Cintia. **El Brasil de Bolsonaro en español**. Buenos Aires: Prometeo, 2023 (no prelo).

POUSADELA, Inés. Argentinos y brasileños frente a la representación política. In: GRIMSON, Alejandro (Comp.). **Pasiones nacionales**. Política y cultura en Brasil y Argentina, Buenos Aires: EDHASA, 2007, p. 125-188.

ROCCA RIVAROLA, Dolores. Las mutaciones históricas del antipetismo y el fenómeno Bolsonaro. **Perseu**, Revista do Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo, v. 19, p. 244-283, 2020.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas. **The Bolsonaro Paradox. The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil**. Switzerland: Springer, 2021.

RODRIGUES, Julian; FERREIRA, Fernando Sarti (Orgs.). **Fascismo ontem e hoje**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Maria Antonia, 2021 (Coleção Argumento).

SALAS OROÑO, Amílcar. La victoria de Bolsonaro y las generaciones políticas. **Bordes**, Revista de Política, Derecho y Sociedad, noviembre-enero, p.155-158, 2018.

SECCO, Lincoln. Fascismo no Brasil atual: O bolsonarismo. In: RODRIGUES, Julian; FERREIRA, Fernando Sarti (Orgs.). **Fascismo ontem e hoje**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Maria Antonia, 2021, p. 107-120.

SOUSA JR., Walter de. O cenário da Segunda Guerra Fria e os atores das eleições de 2018. In: COSTA, Maria Cristina Castilho; BLANCO, Patrícia (Orgs.). **Liberdade de expressão e campanhas eleitorais. Brasil 2018**. São Paulo: ECA-USP, 2019, p. 76-109.